



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS FLORIANÓPOLIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Fernanda Keppeler Hoffmann

**Entre memórias e ervas daninhas:** delicados encontros  
multiespécies.

Ilha de Santa Catarina  
2024

Fernanda Keppeler Hoffmann

**Entre memórias e ervas daninhas:** delicados encontros  
multiespécies.

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao curso de Ciências  
Biológicas do Campus  
Florianópolis da Universidade  
Federal de Santa Catarina como  
requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada  
em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof. Victor  
Anselmo Costa.

Ilha de Santa Catarina

2024

Hoffmann, Fernanda Keppeler

Entre memórias e ervas daninhas : delicados encontros multiespécies / Fernanda Keppeler Hoffmann ; orientador, Victor Anselmo Costa, 2024.

52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Paisagem multiespécie. 3. Ervas daninhas. 4. Herbário afetivo. 5. Memória. I. Costa, Victor Anselmo . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Fernanda Keppeler Hoffmann

**Entre memórias e ervas daninhas:** delicados encontros multiespécies.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Ilha de Santa Catarina, 13 de Dezembro de 2024.

---

Coordenação do Curso

**Banca examinadora**

---

Prof. Me. Victor Anselmo Costa.  
Orientador

---

Prof. Dr. Eduardo Silveira, Instituto Federal de Santa Catarina.  
Membro Titular

---

Profa. Me. Ariana Sousa de Moraes Sarmiento, Universidade do Estado de Santa Catarina.  
Membro Titular

---

Profa. Dra. Cristiane Guimarães, Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.  
Membro Suplente

Ilha de Santa Catarina, 2024.

Dedico este trabalho aos meus pais, Eliane e Ademar por todo o amor e incentivo. Ao meu companheiro de vida, Alexandre por ter acreditado em mim e ter sempre um abraço me esperando. Dedico também para todos aqueles que ainda assopram dentes-de-leão e apreciam o pôr do sol.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Eliane e Ademar que sempre me incentivaram ao estudo e me forneceram a base para me tornar a pessoa que sou hoje. Por todo o suporte emocional e material necessário para enfrentar esta longa caminhada na graduação de Biologia.

A Alexandre por nunca deixar que eu desistisse do processo de escrita e por ter o melhor abraço apertado. Por todo o amor e alegria que deixa o caminho mais leve.

Ao meu orientador, Victor Anselmo Costa por me acompanhar durante este processo, inspirar e estar sempre disposto a tornar este trabalho possível.

Ao Grupo de orientação coletiva, Malhas da Contaminação por todas as conversas, trocas e inspirações ao longo do processo.

Ao professor Leandro Belinaso Guimarães, que através de sua matéria de educação me apresentou este universo que une a Biologia, Arte e Educação.

## RESUMO

Este trabalho é um convite a um olhar sensível para Biologia, através das paisagens multiespécie. Proponho um encontro apaixonado com as ervas daninhas, que compõem nosso cotidiano e como elas são capazes de nos fazer pensar nas existências mínimas através de um olhar menos hierárquico e antropocentrista. A partir do meu encontro com as inspirações estéticas de Walmor Corrêa e Emily Dickinson e das inspirações literárias de Anna Tsing, Maria Esther Maciel, Clarice Lispector e Eduardo Silveira percebi que devia me reencontrar com as plantas de minha história, ir para além das vivências nas disciplinas de Botânica. A força destas plantas levam a um encontro com a arte e a educação que são expressos através de um herbário afetivo composta por ervas daninhas da infância, composições em aquarela e escrita de microcontos e haicai.

**Palavras-chave:** herbário afetivo; memória; ervas daninhas; paisagem multiespécie.

## ABSTRACT

This work is an invitation to a sensitive look at Biology, through multispecies landscapes. I propose a loving encounter with the weeds, which make up our daily lives and how they are capable of making us think about minimal existences through a less hierarchical and anthropocentric perspective. From my encounter with the aesthetic inspirations of Walmor Corrêa and Emily Dickinson and the literary inspirations of Anna Tsing, Maria Esther Maciel, Clarice Lispector and Eduardo Silveira, I realized that I had to reconnect with the plants of my history, go beyond the experiences in Botany subjects. The strength of these plants lead to an encounter with art and education that are expressed through an affective herbarium composed of childhood weeds, watercolor compositions and writing of micro-stories and haiku.

**Keywords:** affective herbarium; memory; weeds; multispecies landscape.

## SUMÁRIO

O INÍCIO .....	10
O FANTÁSTICO E A CIÊNCIA .....	10
OS CORPOS .....	10
O ESTUDO DA VIDA .....	11
POSSIBILIDADES .....	12
CAMINHOS .....	13
AS PLANTAS .....	14
NOVOS CAMINHOS .....	19
EXPEDIÇÕES .....	21
HERBARIUM PHANTASTICUS .....	27
FLORES E POESIA .....	28
HÍBRIDOS E ERVAS CURATIVAS .....	28
HISTÓRIAS .....	29
ERVA-DE-TOURO .....	32
DORME-DORME .....	34
TREVO .....	36
DENTE-DE-LEÃO .....	38
GRAMA-FORQUILHA .....	40
O FIM .....	49
REFERÊNCIAS .....	51
VÍDEOS CONSULTADOS .....	52

## O INÍCIO

Sempre fui uma pessoa sonhadora, no mundo da lua como dizem. Gosto dessa mistura da fantasia, da ficção com a não ficção, o que chamamos de realidade. Assim como todos os seres, sou uma mistura de coisas, fatos, influência, desejos e anseios. Quando eu era mais nova dizia que queria ser veterinária, para cuidar dos bichos. Também dizia que queria escrever um livro de fantasia, com bruxas, feiticeiras e tudo que tem direito. Acredito que algo nesse sentido ainda pulsa, e é o que me motiva a escrever aqui.

## O FANTÁSTICO E A CIÊNCIA

Meu interesse pelo FANTÁSTICO começou muito cedo, quando acompanhava os filmes de Harry Potter e este universo teve grande participação e influência durante minha fase adolescente, carinho este pela saga que carrego até hoje, na vida adulta.

Já o meu interesse pela CIÊNCIA começou nos anos finais do ensino médio, lembro do primeiro contato com a biologia molecular, todas aquelas organelas e bases nitrogenadas do DNA pareciam um mundo novo de fantasia pra mim, foi onde percebi que pulsava um desejo muito grande pelo saber, além do fato de que o RNA é fita simples e o DNA é fita dupla, que o sentido da vida é 5'-3'. Não era suficiente, eu queria colocar uma lupa, ou melhor, um microscópio naquelas coisas, conhecer do que era constituído, por que elas eram assim? Como alguém descobriu isso?

## OS CORPOS

O caminho até a Biologia foi um processo com desafios, inseguranças e superações. Em dado momento acreditava que a vida de cientista não era pra mim. No meio desse caminho acabei me aventurando em outras possibilidades e caí de paraquedas no curso de Radiologia, no IFSC. No começo, me sentia um pouco deslocada, como todo jovem em uma nova etapa da vida, mas o que mais me marcou foi o primeiro contato com a Anatomia humana. O que antes era visto como um empecilho para cursar biologia, acabou se revelando um caminho possível ao que eu mais desejava. As aulas eram ministradas no Anatômico da UFSC, local onde são ministradas as aulas práticas de Anatomia humana com corpos e peças anatômicas. Era a parte que eu mais gostava do curso, passado

aquele choque inicial de ver os corpos em detalhes, é claro. Depois de encarar alguns medos, decidi ao final do primeiro semestre o cancelamento da minha matrícula. Não me bastava só a Anatomia humana, eu queria saber dos bichos para além dos exemplares expostos no museu do anatômico. Decidi que a área da saúde não era onde meu coração estaria em estado de contentamento.

Iniciei uma nova jornada, a do Vestibular, e não foi um caminho fácil, mas tive a sorte de encontrar no meu caminho um projeto lindo, o Integrar, um cursinho comunitário que tem como lema "Educação feita com paixão". Lá encontrei professores realmente apaixonados pela educação e que acreditavam e incentivavam os alunos de escola pública que sonhavam nas tão disputadas vagas da UFSC. O nome da lista dos aprovados da UFSC era um dos primeiros sonhos que eu consegui realizar, e então com 25 anos consegui a vaga na Biologia. Lembro que quase não acreditei e demorou um pouco pra cair a ficha e tudo era muito novo e empolgante.

### **O ESTUDO DA VIDA**

Durante meu percurso na Biologia, me deparei com vários assuntos fascinantes, inclusive a saudosa Biologia molecular. Sanei muitas dúvidas e adquiri tantas outras, descobri coisas que jamais imaginava, que iam muito além das tardes de domingo assistindo Animal Planet com o meu pai.

Em 2020, tive a oportunidade de conhecer mais à fundo outra área de meu interesse, que permeia os mundos do fantástico e da ciência: as plantas medicinais. Aprendi muitos assuntos pertinentes e que me fizeram apaixonar ainda mais por todo esse potencial que as plantas podem proporcionar para a saúde e bem-estar. Sempre me perguntei de onde havia surgido esse costume de usar as plantas na cura de doenças, como havia surgido esse conhecimento tão antigo? Quais comprovações científicas temos a respeito? Por que não são mais utilizadas e valorizadas? Por que o médico do postinho não receita chá? <sup>1</sup>. Como identificar essas plantas e fazer seu uso correto? De onde vieram?

Infelizmente estávamos em meio a uma pandemia global, e as aulas online não permitiram grande parte da magia dos aromas e texturas

---

<sup>1</sup> Este questionamento é proveniente da minha experiência quanto usuária do SUS na cidade de São José, visto que Florianópolis possui iniciativas em políticas públicas para o uso de plantas medicinais em postos de saúde. Para maiores informações consultar: <https://doi.org/10.1590/interface.200718>.

das plantas ao vivo, mas me abriu os olhos para um universo até então inexplorado.

### **POSSIBILIDADES**

A Biologia é uma área muito ampla, que contempla vários saberes e apesar de ter sido tocada por muitos assuntos, foi apenas no final do curso que vislumbrei um lugar que eu poderia habitar. Esse lugar me causava um estranhamento no primeiro momento, e aos poucos fui entendendo o seu funcionamento, a sua beleza. Pensar fora da caixa é um desafio, mas nesse caso foi um desafio que resultou numa libertação. Esse espaço ao qual eu me apresentava era um lugar de educação, mas era uma educação diferente de todas que eu já havia visto, pois além de ciência também era de lugar de arte, de cultura, poesia, sons, era a parte divertida da grade da graduação.

Nessa ocasião fui apresentada às obras de Walmor Corrêa, um artista que viveu na ilha, que cresceu sob influência de contos, de bruxas, de plantas com poderes mágicos e hoje eterniza essas vivências e experiências em exposições belíssimas. Ao conhecer sua exposição no CIC, me chamou a atenção o lugar em que as plantas, animais híbridos e habitantes da cultura e folclore foram evidenciados. Na exposição "Sobre pássaros, sinapses e ervas energéticas"<sup>2</sup>, de Walmor Côrrea, ficou claro como a natureza é inspiradora no campo da arte, tanto a parte de plantas medicinais com seus conhecimentos populares e crendices, conhecimentos que vão ao imaginário e fazem parte de diferentes culturas. Outra área explorada é a beleza dos corpos, da anatomia do ser humano, do ser mitológico e até mesmo de um pássaro que até então se encontrava jogado numa gaveta, dito apenas como um exemplar da espécie, mas que na verdade tinha toda uma história a ser contada<sup>3</sup>.

Após ter vivido essa experiência, me questionei de onde vinha essa inspiração? Que histórias esse artista havia vivido? Como ele chegou à essa mistura de Ciência e Arte, e manteve a sua identidade, a sua magia em cada obra. Procurando por esta e

---

<sup>2</sup> Sobre a exposição, conferir:

<https://www.cultura.sc.gov.br/programacao/1673-mostra-sobre-passaros-sinapses-e-ervas-energeticas?date=2022-07-24-00-00>.

<sup>3</sup> Como na obra "Sporophila Beltoni", conferir:

<https://www.walmorcorrea.com.br/2014-2015-sporophila-beltoni>

outras respostas, me deparei com uma entrevista, cedida naquela mostra do CIC mesmo, através de um quadro sobre Cultura Catarinense do Canal da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Segundo Walmor<sup>4</sup>, a inspiração vem da sua terra, a ilha da magia. Da época em que a cidade era o nosso jardim, e como uma criança atenciosa e muito observadora cresceu vendo lugares como a Beira Mar Norte. Seu passatempo era observar as plantas e os pássaros. Desde jovem foi apaixonado pelo universo do Franklin Cascaes que tinha esse imaginário, de toda essa magia, que é da ilha. E por ser muito curioso, estudioso e questionador tinha essa vontade de provar essas histórias com a ciência.

Foi nesse processo de conhecer as POSSIBILIDADES e me reconhecer, que vislumbrei novos CAMINHOS”.

### **CAMINHOS**

Durante a graduação tive contato com disciplinas sobre plantas e nelas percebi que havia uma certa dose de fantástico, em todas aquelas sinalizações bioquímicas, toda aquela linguagem e comunicação entre as plantas, onde só quem ouve são elas mesmas, e nós talvez nunca saibamos totalmente o que elas fazem ou falam. Juntamente com esta curiosidade que se aflorou na graduação, sobre plantas medicinais, vi uma possibilidade de unir estes dois fatores mais o mundo do imaginário de Harry Potter, pois assim como na Biologia, os animais da saga são superestimados, já as plantas, nem tanto.

E foi desta forma que iniciei o meu projeto de TCC, como um pontapé inicial do início dessa nova e desconhecida jornada. Neste caminho encontrei pessoas maravilhosas que ajudaram no processo e conseguiram me direcionar para novos recomeços, porém sem perder esse olhar para as plantas. O lado da magia de Harry Potter ficou para trás e eu embarcava no fantástico das ervas daninhas. O Prof. Leandro Belinaso foi quem me apresentou as ervas daninhas como uma possibilidade, e deixou aquela pulga atrás da orelha, com questionamentos, o que mais poderia ser dito sobre elas? Será que algumas poderiam ter propriedades medicinais? Como seria uma abordagem bacana para se trabalhar?

---

<sup>4</sup> As frases a seguir foram adaptadas da entrevista concedida para o Programa Cultura Catarina da Tval (Assembleia Legislativa), Disponível em: [https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/tval/noticia\\_single\\_tval/pgm-02-cultura-catarina-walmor-correa-artista-plastico-25-08-22](https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/tval/noticia_single_tval/pgm-02-cultura-catarina-walmor-correa-artista-plastico-25-08-22).

Logo mais o Prof. Eduardo, já de acordo com o parecer estabelecido pelo Prof. Leandro, trouxe um olhar mais sensível e despertou em mim uma curiosidade para além da visão utilitarista sobre as plantas, como as plantas gostariam de ser ouvidas? Como ouvir a voz destes seres? Como elas gostariam de ser narradas?<sup>5</sup>

Segundo Silveira (2024), a pergunta: o que diz a flor? Nos remete à uma questão para além da visão poética, e nos convida a pensar em perspectivas fora de um enquadramento da ciência e do olhar antropocêntrico, hierárquico e colonizador. Este olhar nos leva a se aventurar em relações outras e estar disponível à novas experiências e acionar outros repertórios como à literatura, ficção, filosofia e as artes para assim, ser capaz de ouvi-las.

### **AS PLANTAS**

Com essas ideias em mente e tendo o contato com esse novo universo de possibilidades percebi que ainda não havia contado a minha história com as plantas. Inspirada pela delicadeza do enredo que permeia as histórias de vida, da infância até à fase adulta, que consigo enxergar mais uma vez as plantas, não como um pano de fundo, mas sim como uma potência. Destaco aqui a importância da liberdade, de explorar e coletar, sem julgamentos, da forma que lhe parecer mais adequada e no momento que desejar, pois aquela ação de alguma forma, te toca. Essa talvez, seja uma forma de honrar a essência das plantas, se permitindo viver o extraordinário, de ser livre para se pensar como uma flor (Silveira, 2024)<sup>6</sup>.

A lembrança mais antiga que eu tenho com as plantas, é justamente com flores, aquelas que você colhe enquanto anda na rua, normalmente daqueles muros onde a planta cresceu tanto que acabou atravessando aquilo que a continha, pois ninguém consegue conter uma planta. Ainda criança, lembro das vezes que passava o verão na casa da minha avó (*in memoriam*), na praia dos Ingleses. Dona

---

<sup>5</sup> Artigo de Eduardo Silveira: Encontros e Ficções: conversando com as plantas. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124169vs01>.

<sup>6</sup> Palestra de de Eduardo Silveira: "Aprender a pensar como uma flor: Ficção e gambiarra proliferando novas alianças" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0qAsS9UtQs&t=7s>.

Claci, assim como muitas senhoras, adora as flores, na casa dela na cidade tinham as flores artificiais, mas na casa de praia ela aproveitava o canteiro na frente do condomínio para plantar as flores naturais, tinha um pé de alamanda amarela, e um de hibisco rosa, sem dúvida uma bela entrada.

Durante o verão eu dava muitas caminhadas, muitas vezes com meu pai que vivia indo no mercadinho do bairro. Eu aproveitava para ir junto e colhia as flores que cresciam de forma espontânea nos terrenos baldios pelo caminho. Atenta, procurava pela flor laranja e simpática do cosmos-amarelo e pelo dente de leão, pois acreditava fielmente que um dia ele ia me realizar algum desejo, já que soprava muitos deles. Aproveitava e já sondava o meu pai sobre a possibilidade de ganhar um picolé ou um daqueles chocolates em forma de guarda-chuvinhas ou moedinhas, era um bom passeio.

Outra companhia de caminhada durante as férias era o meu amigo Pedro que em meio às tardes de tédio, me convidava para irmos até o final da rua que ficava em frente ao condomínio. A rua era imensa na minha visão de criança, o motivo principal do passeio eram os cachorros, não nos importava se eram de rua ou se tinham casa, pra nós todos eram dignos de carinho e conhecíamos todos pelo nome, de alguns conhecíamos os humanos também e perguntávamos à eles se podíamos fazer carinho através das grades. Nessas caminhadas, ficava atenta também às plantas e flores que encontrava pelo caminho, sejam elas no canteiro em frente as casas, nos quintais ou nos terrenos baldios. Lembro que no final dessa longa rua sem saída sempre tinha um pitbull que latia muito, mas nem ligávamos pois queríamos mesmo era sentar no banquinho que tinha no canteiro redondo e ficar analisando e brincando de imaginar coisas com o pé de mamona. Seus troncos tinham pequenos desenhos que muitas vezes lembram rostos e a imaginação corria solta, também tinham os frutos que pareciam de outro mundo.



Canteiro de flores na Praia dos Ingleses, nos anos de 2011 e de 2018 respectivamente. Fonte: Google street view.

Na cidade as opções eram mais escassas, lembro bem de uma goiabeira que tinha em um terreno baldio, em frente ao prédio onde eu morava em São José. Por várias vezes eu e minha amiga Suellen passávamos nossas tardes lá, subíamos e sentávamos em um galho cada uma, comíamos aquelas goiabas brancas. Foi a primeira vez que eu subi em uma árvore, e a primeira vez que comia goiaba branca. Ainda gostava mais da goiaba vermelha, mas a branca oferecia uma ambientação mágica que dava um sabor especial a ela. O terreno tinha um mato alto, apesar de já ter uma trilha pré-estabelecida por alguém que também gostava de goiabas, entramos correndo no matagal pois o preço a se pagar era pequeno se comparado à recompensa que era a goiabeira.

Desde que me mudei com meus pais para essa rua, em São José, havia um pé de abacate bem em frente ao nosso prédio e sempre que alguém nos dava carona lembro de falar com orgulho: "Pode parar ali no prédio verde, onde tem o abacateiro!". Era a única árvore que existia na rua, no meio urbano repleto de prédios que cada vez se tornava mais cinza. Foram anos dessa relação entre eu e o abacateiro e eu adorava ver suas pequenas florzinhas caindo no chão da entrada da garagem do prédio, via os abacates pequenininhos nascendo, e os enormes que depois de um tempo caíam no meio fio e se partiam no meio.

Há alguns anos a prefeitura condenou o abacateiro e informou que ele era perigoso. A árvore nem havia sido cortada ainda e eu já sentia saudade de olhar pra cima antes de chegar em casa. Um pouco antes do lamentável dia, resolvi registrar os últimos momentos do abacateiro em frente ao prédio, por mais que eu não morasse mais lá, mas foi parte da minha história. Um dia cheguei ao prédio para visitar os meus pais e lá estava ele, apenas o cotoco, apenas um vestígio de que um dia ali estava uma majestosa árvore.



Rua em São José nos anos de 2013 e 2020 respectivamente.

Fonte: Google street view.



Rua em São José - 2022.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Relembrando todas essas ocasiões, percebi que a história das plantas se emaranham na nossa história, e que juntas fazem parte dessa paisagem multiespécie. Ao me deparar com estas questões me lembro do termo imersão apaixonada, que segundo Dooren, Kirksey e Münster (2016, p. 43), em diálogo com Vinciane Despret, significa "tornar-se curioso e então emaranhado, aprendendo a ser afetado e, assim, talvez, entender e cuidar de maneira um pouco diferente".

Assim como a poetisa e amante de jardinagem, Emily Dickinson cultivou em um livro antigo seu herbário de plantas, delicadamente arranjadas e cuidadosamente selecionada ao longos do anos. Essas flores apesar de serem acompanhadas de seus nomes científicos, também são carregadas de histórias. O que me faz lembrar que nós também vamos juntando essas plantas que nos acompanharam em diversas fases da vida, não necessariamente de forma física, mas principalmente na forma de memórias, como uma forma de colecioná-las.

### **NOVOS CAMINHOS**

E é nesse mar de ideias, nessa mistura de referências, magia, imaginário, ervas, Biologia e ansiedade que penso e busco o meu lugar, a minha autenticidade, na busca de algo que faça sentido pra mim, algo novo. Mas será que o novo é possível naquilo que já conhecemos?

Na Biologia é abordado um conceito que pra muitos pode parecer curioso, mas chamamos de cegueira botânica<sup>7</sup>. Esse conceito expõe uma problemática de como nós, *Homo sapiens*, vemos os integrantes de outro reino, *Plantae*. As plantas são comumente relacionadas como parte da paisagem, identificados como "o mato" ao redor de algo ou alguém, normalmente pertencentes ao Reino Animal. Colocamos as plantas em segundo plano e não lhe damos o devido destaque. Segundo Amanda Neves, Márcia Bündchen e Cassiano Pamplona Lisboa (2019, p.746)

---

<sup>7</sup> O termo cegueira botânica foi colocado devido ao contato que tive durante a graduação. Hoje existe outro termo que traduz melhor essa problemática, chama-se "Impersepção botânica". Para mais informações consultar: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v39p1-4>.

O conceito de cegueira botânica foi proposto originalmente por Wandersee e Schussler (1999) e inclui em sua definição: (a) a incapacidade de reconhecer a importância das plantas na biosfera e no cotidiano; (b) a dificuldade em perceber os aspectos estéticos e biológicos exclusivos das plantas; e, (c) a ideia de que as plantas sejam seres inferiores aos animais, portanto, não merecedoras de atenção equivalente

Outro conceito muito utilizado na Biologia, mas que provém muito da Geografia, é o conceito de paisagem. A maioria das pessoas pensam em paisagem como sendo um pano de fundo, algo grandioso, algo que pode ser descrito e facilmente interpretado e identificável.

Neste trabalho, porém, não irei trabalhar com esse conceito de paisagem, mas sim com a paisagem como algo que pode ser do tamanho de uma folha na qual insetos e fungos criam uma micro ecologia (Tsing, 2019), ou ser tão pequeno quanto um terreno baldio, cheio de ervas daninhas e através disto analisar a multiplicidade entrelaçada presente. Essa intervenção metodológica é importante neste contexto para direcionar o olhar também para o micro, aos detalhes singelos das daninhas, nas micro ecologias existentes, assim como os elementos que se entrelaçam nelas. Na visão de Tsing (2019), as paisagens são reuniões multiespécie, práticas das possibilidades de convivência. Outra palavra chave apresentada pela autora é a perturbação, que neste caso não é algo negativo, mas sim uma maneira de seguir histórias e fazer da paisagem um protagonista dinâmico e uma prática de coordenações multiespécies. Ambos os conceitos me fornecem um direcionamento de como pensar nas ervas daninhas para além do olhar humano e nas suas relações com as paisagens e com o ambiente multiespécie ao qual está inserido.

## **EXPEDIÇÕES**

Este capítulo é um convite para dispor corpo, mente e coração e se permitir ser atravessado pelas existências mínimas, pelo comum, mas também pelo fantástico, se permitir ser contaminado.

Este caminho também foi percorrido por mim durante a escrita desta pesquisa, em meu desejo de responder aos questionamentos de "O que diz a flor?" "Como ela gostaria de ser ouvida, representada?" "Como pensar para além do olhar antropocêntrico?" (SILVEIRA, 2023)

E na tentativa de responder a estas questões que pulsam dentro dos corações curiosos, desenvolvi uma metodologia.

Para o início dessa jornada de contaminação, me permiti olhar ao meu redor e ver potencial em lugares comuns, como nos terrenos baldios da minha vizinhança. Este olhar atento logo me fez perceber que a diversidade de ervas daninhas era muito maior do que eu pensava e que muitas delas fizeram parte de minha infância e que carregam com elas, histórias.

Ao longo destas saídas de campo, que aqui chamarei de "Expedições", muitos pensamentos vieram à tona, algumas conversas com os pesquisadores da vida multiespécie, o descobrimento de métodos de coleta para cada tipo de erva daninha, como preservar estes exemplares tão delicados e, claro, as influências estéticas e literárias que permeiam a arte, a poesia e também a ciência, a filosofia e a antropologia, fruto de muitas conversas com pesquisadores com que tive o privilégio de compartilhar este caminhar.

## 1ª EXPEDIÇÃO

Sempre fui curiosa com as coisas que eu via pelo caminho, acho que esse é o tipo de costume que a Biologia nos traz, é impossível voltar à cegueira costumeira e não se atentar ao pequenos detalhes no caminho para casa, seja ele no céu, na linha do horizonte ou até mesmo no chão.

Considero um feliz encontro entre as daninhas e eu, um encontro que já era costumeiro desde a infância quando eu caçava dentes de leão nos terrenos baldios ao redor da casa de praia da minha avó. Lembro com alegria destes encontros pois aconteciam apenas no verão já que na cidade de pedra onde eu morava, pouco se via da minha erva daninha favorita. Mais tarde, já na universidade, encontrei-as também na entrada do prédio da Biologia, quando a grama não estava aparada na primavera.

Hoje continuo em busca das minhas daninhas favoritas, mas com um olhar mais atento. Ainda moro em uma cidade de pedra, mas rodeada de terrenos baldios onde as daninhas são rainhas e crescem abundantemente. Mesmo em meio ao cimento, encontrei em uma manhã cedinho, ao nascer do sol, uma daninha que tem um lugar especial na minha memória afetiva, o dorme-dorme. Certamente ele me induz uma alegria enquanto espero no ponto de ônibus e sempre dou uma encostada nele pra ver ele se fechar de forma tão graciosa.

Certo dia saí em busca de várias daninhas e saí em expedição, a primavera já havia ido embora e levado consigo as plantas que antes eram tão vívidas e bonitas. Planejei os critérios que iriam ser aplicados, onde cortar as plantas, quais instrumentos levar, onde armazenar, o número de espécies, como seriam os registros fotográficos das plantas e dos locais. Saí de casa com um sacolão, uma tesoura pequena de cozinha e meu fones de ouvidos, pra dar um clima ao momento. Confesso que não saí tão animada pois semana após semana vi cada vez mais terrenos baldios deixando de ser o lar das daninhas para ser lar de pessoas, ou simplesmente serem queimados.

Comecei a andar pela vizinhança e logo me ocupei com um vasto terreno que ocupa um quarteirão inteiro e sempre há um boi ou um cavalo como guardião por lá. Passei vários minutos entretida neste terreno, sempre olhando para baixo, atenta, me agachando para ver os detalhes, separando uma daninha da outra, tentando entender onde começa uma e termina a outra, qual galho e folha é de quem. Aqui, penso nas passagens que ocorrem na obra de Anna Tsing em *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* (2019). Tsing, no Capítulo "Dançando na floresta de cogumelos", cita como funciona a metodologia de coleta dos cogumelos matsutake. Os forrageadores de matsutake agem de forma diferente dos pesquisadores que por lá também passam, porque os forrageadores não são guiados pela nomenclatura e a classificação dos fungos; o que eles sabem sobre a floresta é através do conhecimento cinético. Este conhecimento é descrito como a forma de se mover na floresta, de navegar pelas vistas e pelo sentir dos sons e dos cheiros. O ritmo da busca também é apresentado, como sendo uma junção da contradição da ansiedade com o estado de prontidão, visto que os catadores inexperientes perdem a maioria dos cogumelos ao correr pela floresta. Aqui, no terreno baldio, assim como na floresta dos matsutakes, a presença do lixo também é um sinal de que vamos encontrar aquilo que desejamos.

À cada coleta, sacava discretamente minha tesourinha do sacolão e colocava sempre duas amostras para cada espécie. No início foi um pouco estranho, olhava para os lados e me certificava para ver se alguém estava por perto, pois na minha cabeça isso ainda era um pouco "coisa de doido". Algumas crianças passavam de mãos dadas com suas mães, voltando da escola, algumas passavam retos por mim e pelas daninhas, outras pareciam se interessar e dava uma breve olhada por cima do ombro, outras eram puxadas para o outro lado da rua. Em certo momento, em uma rua mais tranquila me vi mais à vontade, as coletas e as observações se tornavam mais leves, soltas e bonitas, me vi levada pelo ritmo das plantas, cada espécie diferente avistada era como uma nova nota na sinfonia das daninhas.

Logo me vi num lugar que nunca havia estado antes e percebi que me perdi na canção das daninhas, e não havia percebido onde elas haviam me levado, mas me alegrei ao encontrar novas espécies e ser agraciada por um belo pôr do sol ao final da expedição.

## 2ª EXPEDIÇÃO

Saio correndo pra lá e pra cá pela casa, trocando de roupa, pegando os materiais para a coleta e recapitulando mentalmente os tópicos a serem observados em campo. Minha cachorra de vez em quando dá uma olhada de canto, ela está sentada no sofá sem entender nada da situação. A máquina de lavar apita, hora de estender a roupa. Corro para estender a roupa o mais rápido possível e sair em coleta, minha cabeça está à mil. Quando finalmente estou pronta com meus saquinhos de rolo (daqueles culinários), decidi que vou coletar no máximo 5 espécies hoje, pois penso: melhor qualidade do que quantidade. Me sinto como uma pesquisadora botânica, cheia dos badulaques, só que ao invés de uma pochete tenho uma sacola, que por sinal é de um laboratório, daqueles que se ganha em congressos. Antes de sair Maya dá uma última olhada, julgando como quem diz: você vai sair nesse dia lindo de sol sem mim? Mas infelizmente a "febre" dela por cheirar cada milímetro de canto não combina com a minha febre em olhar minuciosamente o chão à procura das daninhas. Aqui, lembro de outro fator descrito por Anna Tsing (2019) na coleta dos matsutakes, onde os catadores descrevem sua ânsia por entrar na floresta como "febre", onde às vezes eles não planejam ir à floresta, mas à febre" os pega e nessa ansiedade se coleta na chuva, na neve, de madrugada, ou até à noite com lanternas. Confesso que antes de colocar os pés na rua era exatamente assim que eu me sentia, não havia planejado, simplesmente me aprontei, decidi o que precisava e saí porta afora.

Saí de casa e fui ao meu atual terreno baldio favorito, ele tem me chamado a atenção nos últimos tempos, o recente fogo ateado a ele lhe deu certo charme, agora ele é coberto de uma fina camada de daninhas, onde pela primeira vez tive a oportunidade de caminhar livremente e explorar para além das ervas que ficam à beira do asfalto. Depois do fogo também vieram lindas daninhas longas, de pequenas inflorescências amarelas, em forma de cone, espetaculares, todas juntinhas como se fossem um mini campo de coníferas. Aqui, um pouco menos afetada pela ansiedade, optei pela orientação de Tsing (2019, p 32): "Vá com calma... movendo-se de forma calma, mas febril, apaixonado, mas imóvel: o ritmo do catador condensa a contradição da ansiedade com um estado de prontidão".

Para a minha felicidade, as florezinhas rosas também estavam lá, aquelas que por vezes são acompanhadas de mini florezinhas brancas, ou eles... os mais encantadores... os dentes de leão. Fico me perguntando quantos dentes existem e se todos são chamados assim. Logo fui sedenta à coleta dos dentes-de-leão, porém, a coleta foi regada à frustração, não existiam muitos exemplares à disposição e muitos estavam quase carecas, ou ficavam carecas quando eu tentava pegar e colocar no saquinho. No mato, os grilos faziam a paisagem sonora local, ao fundo passavam, carros e motos, no céu, um avião. Os sons de cachorros latindo e crianças brincando e berrando são a trilha sonora da vez; é tempo de férias escolares.

Agora meu olhar estava atento aos outros exemplares de daninhas, aquelas de forma delicadas e com miúdas flores. Dessa vez decidi que um método de coleta era necessário, ocorria desta forma: um pequeno corte era feito na base das plantas, tentando pegar as folhas e grande parte do caule, e então deixava elas caírem, da mesma forma como se corta uma árvore. Posteriormente, pegava o exemplar delicadamente com a ponta da tesoura, quase um movimento cirúrgico de pinça. Por muitas vezes este método foi eficaz e me auxiliou a não me emaranhar nas daninhas, mantendo uma certa medida de segurança dos insetos que por ali moravam. Em determinado momento houve uma perturbação da coleta, a planta de flores roxinhas veio acompanhada de um hóspede, levei um susto quando vi algo que se mexia já dentro do saco junto à daninha, era uma pequena aranha. Percebi que na verdade a perturbação era eu, e a pequena aranha só estava ocupando o seu espaço que era de direito.

Logo adiante, avistei um dorme-dorme, fui prontamente tocá-lo e ter aquela sensação de infância, aquela felicidade em ver as pequeninas folhas fecharem, mas fui enganada, não era um dorme-dorme de verdade. Mais à frente avistei outro, toquei-o na mesma ânsia, mas agora com medo da frustração. Pra minha felicidade, dessa vez era o verdadeiro! Rapidamente apliquei minha técnica de coleta, pois tinha encontrado poucos exemplares de dorme-dorme verdadeiros por aí e eles são muito rasteiros, difíceis de enxergar e ficam existindo como forma de resistência por debaixo de plantas maiores. Dessa vez meu método foi refutado, a daninha era pequena demais e quando se fechava ficava ainda mais fina e difícil de pegar, era quase uma agulha no palheiro. Talvez eu precisasse de um método específico para as dormideiras.

Do outro lado da rua, avistei pequenos pontinhos verdes contra o meio fio, verifiquei mais de perto e vi que se tratavam de pequenos trevos de 3 folhas que estava crescendo em um cantinho de asfalto úmido e com um pouco de barro, fruto das constantes lavagens de garagem, carros e motos que ocorriam pelo bairro inteiro aos finais de semana ao som de música sertaneja. Ao fundo também se ouvia uma dona de casa inspirada cantando e fazendo seus trabalhos domésticos.

Decidi dar uma nova chance aos dentes de leão, peguei um exemplar da forma tradicional, pega e puxa, igual quando se faz quando se é criança. Tentei registrar pelo menos uma foto antes que ele saísse voando em pequenos guarda-chuvas por aí, porém à medida que eu tentava focar a câmera na daninha, o vento batia e levava cada vez um pouquinho das pluminhas brancas para outros cantos. Com dois exemplares quase intactos em minhas mãos, fugindo de todos os rituais feitos da infância até aqui, meu único desejo era que ninguém soprasse o dente de leão, nem eu, nem o vento que aparecia sorrateiramente de vez em quando. Consegui chegar na frente de casa, abri as portas sem enroscar nelas, fui "correndo" de forma delicada e quase em câmera lenta para fechar as janelas. Peguei os pratos e os guardanapos necessários para a secagem com uma mão, me senti o próprio Tom Cruise em Missão Impossível quando finalmente consegui deitar as duas daninhas no meio dos dois pratos rasos e com 4 camadas de papel toalha, duas em cima, e duas por baixo. À comemoração ao completar a missão foi grande, era a corrida do dente de leão.

## HERBARIUM PHANTASTICUS

Decidi fazer então um herbário de memórias, ao qual aqui chamarei de "Herbarium phantasticus" surgiu da necessidade de alguma forma responder a estes questionamentos que venho apresentando durante a pesquisa. Este herbário foi confeccionado com aquarelas de minha autoria e ervas daninhas desidratadas que fizeram de alguma forma parte de minha infância. Os microcontos e haicai que também fazem parte desta composição foram resultado da inspiração de diversos autores, que conseguem unir a escrita ficcional, poesia com manifestações artísticas. O livro que deu início a essa conversa entre a pesquisa, as plantas e a arte foi o *Mirabile Plantae* (2022), de Eduardo Silveira onde plantas ficcionais de Florianópolis são belamente representadas em aquarela, nanquim e papel vegetal, aliada a microcontos. Logo em seguida a obra de Maria Esther Maciel veio para adicionar um olhar mais poético e trouxe a diversidade de Marias, Joãos, e Viúvas como nomes populares, distribuídos entre animais e plantas em sua obra *Pequena enciclopédia de seres comuns* (2021). O Haicai apareceu com suas poesias mínimas através do livro *REŚ|CHAÕ*<sup>8</sup>, da Editora Casatrês. Clarice Lispector contribuiu como inspiração pois traz a leveza da infância juntamente com a ideia de herbário em sua obra *De natura Florum* (2021).

Analisando as daninhas, penso que sua existência no herbário não poderia ser apenas um detalhe, e que pede uma forma de se expressar assim como ela: imprevisível como o dorme-dorme, que se deixa contaminar, afetar com facilidade, assim como à água e peculiar assim como o horário em que as folhas do trevo se fecham. Descobri neste percurso a aquarela, que assim como Anna Tsing e os catadores de cogumelos, me lembrou de ter paciência, e que assim como nas daninhas a beleza está nos detalhes, a cada camada, manchas e também nos resultados inesperados que aparecem na pintura.

---

<sup>8</sup> Esta referência se encontra ausente pois o livro físico não está em minha posse e parece ter sido descontinuado.

## FLORES E POESIA

“Sépala, pétala, espinho.  
 Na vulgar manhã de Verão -  
 Brilho de orvalho - uma abelha ou duas -  
 Brisa saltando nas árvores -  
 - E sou uma Rosa!”<sup>9</sup>

Emily Dickinson além da poesia tinha outra paixão, as flores. Ela compôs um herbário que hoje está disponibilizado na Biblioteca online da Universidade de Harvard, (Herbarium 1839-1846)<sup>10</sup> Emily compôs seu herbário aos 14 anos de idade, as coletas começaram à ajuda de sua mãe, e juntas colhiam flores do jardim na infância, mais tarde na escola começou a ter um interesse com rigor científico pelas plantas e começou a elaborar um caderno de couro suas primeiras composições com flores secas, juntamente com uma fina fita de papel que cola os exemplares nas flores e guardam também à delicada caligrafia da poetisa, que identifica os exemplares através de seus nomes "linneanos" ou coloquiais. Seu herbário é descrito pela notável sensibilidade, onde todas as 66 páginas foram compostas com paciência apaixonada. As composições feitas por Emily são inspiradoras, se vê uma grande preocupação com a beleza, à forma como as plantas são agrupadas delicadamente e formam um arranjo quase como se fosse uma obra de arte de fato. Muitas vezes possui uma simetria e parece criar de forma proposital uma nova imagem a partir da sobreposição, e nutrindo a imaginação de quem a observa.

## HÍBRIDOS E ERVAS CURATIVAS

Através de sua obra intitulada “Sobre pássaros, sinapses e ervas energéticas”<sup>11</sup>, Walmor Corrêa nos mostra desenhos anatômicos, pranchas, e esqueletos que constitui até mesmo uma certa veracidade ao que é questionável, como as criaturas do

---

<sup>9</sup> Essa poesia de Emily Dickinson pode ser encontrada no site LER JORGE DE SENA; conferir:  
<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/antologias/traducao/10-poemas-de-emily-dickinson-traduzidos-por-jorge-de-sena>.

<sup>10</sup> Sobre o Herbário de Emily Dickinson conferir em:  
[https://iiif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:4184689\\$25i](https://iiif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:4184689$25i).

<sup>11</sup> Sobre a exposição, conferir:  
<https://www.cultura.sc.gov.br/programacao/1673-mostra-sobre-passaros-sinapses-e-ervas-energeticas?date=2022-07-24-00-00>.

Folclore, Ondina, Curupira, Ipupiara etc. É baseado em cartas do padre Anchieta e Hermann Von Ihering de cerca de 500 anos atrás, onde Walmor procura pelas vírgulas, como ele mesmo chama, de brechas onde a arte poderia entrar e que poderiam surgir nesses processos de descobertas científicas, de estrangeiros que tinham este olhar para nossa fauna e flora brasileira. Um exemplo disso é o pássaro que Padre Anchieta acreditou ter existido e que bebia orvalho. Este fato se tornou a vírgula que Walmor procurava. Então ele tratou de imaginar como seria esta ave e quais modificações ela teria para poder sugar este orvalho, então criou um bico de forma espiralada para este ser, antes apenas imaginável e agora, palpável.

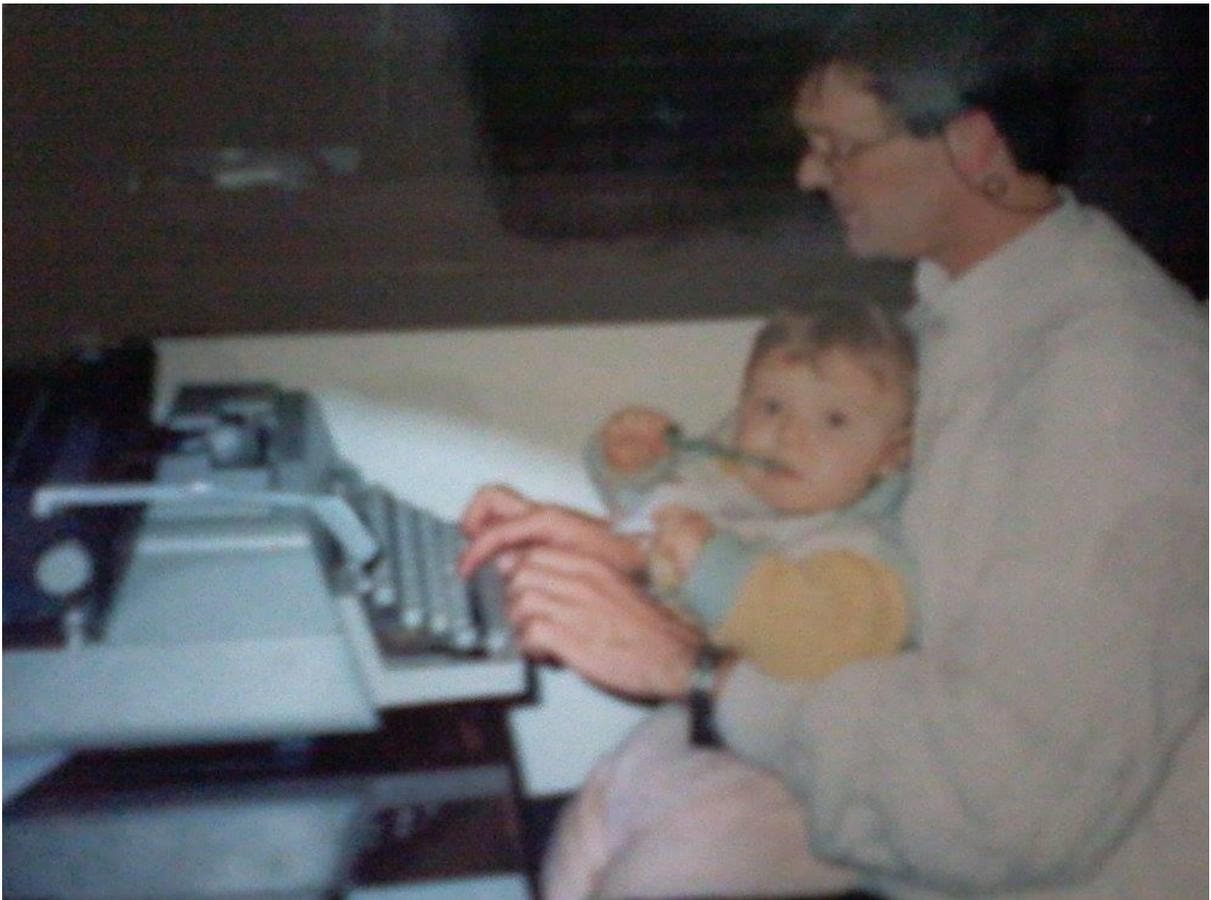
O mesmo acontece com as plantas amazônicas pelas quais ele pesquisou através de relatos dos próprios moradores e comerciantes de ervas em Belém que faziam o uso de tais ervas medicinais. Através do desenho e das esculturas, estas plantas ganham vida, e são retratadas quase como uma evidência científica, porém com um toque pessoal do artista.

Também muito de sua inspiração veio de suas narrativas de infância em Florianópolis, das histórias sobre bruxas e seres imaginários. O artista revela que utiliza técnicas para seus desenhos que são uma junção de grafite, aquarela e lápis de cor, sendo a aquarela em específico objeto de meu interesse pelo qual dou meus primeiros passos em algumas pequenas obras neste trabalho.

A narrativa de infância também esteve muito afluída em muitas das minhas inspirações, referências bibliográficas, literárias e até mesmo de experiências minhas ou de pessoas queridas.

## HISTÓRIAS

E por último, mas não menos importante, destaco uma outra referência estética deste trabalho, que também remete às histórias de minha infância. A escolha da fonte é uma singela homenagem a meu pai, que por muitos anos se dedicou ao ensino de História e se orgulhava de sua máquina de escrever, uma Olivetti Linea 97, sua companheira de trabalho.



Ademar e Fernanda em Três Passos, RS.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Herbarium  
phantasticus

ERVA-DE-TOURO

Suas flores lembram aqueles garfinhos de festa infantil, brancos em formato de tridente, por vezes apenas com dois dentes, igual quando se come um bolo recheado de brigadeiro e os dentes do garfo ficam banguelas. Seu fruto é um tufo descabelado, parece um dente de leão que acabou de acordar, porém sua cor é diferenciada, tem um toque levemente amarronzado. As unidades que formam o tufo são radiadas e cheias de pequenas plumas, que lembram um lírio do mar. Se movem de forma graciosa, como se quisessem sair por aí, mas esse lírio é diferente, tem preferência por ares frescos e teme a água salgada. Alguns a chamam de erva-de-touro por ser forte e gostar de estar junto aos bois. Com um olhar mais atento e delicado, logo se vê que este nome não faz jus a delicadeza que sua haste longa e coberta de pelinhos brancos lhe proporciona. Margaridinha. Sim, margaridinha traduz essa sensação de tamanha delicadeza e nos convida a sair correndo com um vestido esvoaçante com as mãos para baixo, tocando um imenso campo de margaridinhas sobre o sol da manhã.



DORME-DORME

Certamente é motivo de lembranças nostálgicas da infância de muitos, quem não fica feliz ao ver o dorme-dorme dormir? Suas folhas são um convite para tocá-las, é quase como se estivessem sempre abertas, à espera de um dedo curioso cutucá-la para ela dar seu show. É uma planta curiosa essa, alguns dizem que é tímida, ou até envergonhada. Exibe uma bela mistura de delicadeza e força, de uma lado temos uma flor rosa, que começa com um tufo emaranhado e depois se transforma em um lindo pompom. Por outro lado, possui um belo par de espinhos a cada nó. Rasteira, por vezes fica coberta das demais daninhas, e reserva sua presença apenas aos mais atentos, que terão a felicidade de vê-la adormecer. Uma verdadeira Bela adormecida.



## TREVO

O trevo é uma erva que te prega peça, você sempre fica na esperança de encontrar aquelas 4 folhas em formato de coração, mas sempre acha as de 3 folhas. Lá estão elas, seja no terreno baldio, ao lado do meio fio, e até mesmo nas rachaduras, sempre na terra molhada, é lá que eles são felizes. Dizem que o de 4 folhas dá sorte, fortuna, espanta a inveja e tudo mais. Tem gente que passa pela vida e nunca vai ter a sorte de encontrar um exemplar, as probabilidades são ínfimas. Porém, caso você tenha essa sorte, o trevo deixa claro, a sorte só vale se você encontrá-lo por acaso, no seu ambiente feliz, não vale comprar mudinha, nem dar jeitinho. Há quem goste de achar qualquer trevo pois ele é romântico, e exhibe em suas pequenas folhas, o formato de coração.



DENTE-DE-LEÃO

O Dente-de-leão, com inveja do céu, clama por ser assoprado, apenas para voar como se fosse um floco de neve. O que ele deseja mesmo, é ser um dos milhares de pontinhos brancos pairando no céu de inverno.



GRAMA-FORQUILHA

Vê quem pousa na grama-forquilha: é o pardal.

Vê de novo: pássaro voa.

Sol poente.





## O FIM

Durante este processo da construção do trabalho, percebi o quanto é difícil desapegar dos resultados esperados, de dados estatísticos, de conceitos que se aprende durante toda a graduação e do que é, fazer ciência. Neste processo houveram muitas mudanças, descobertas e muitas vezes fui descobrindo ao longo da jornada o que esta pesquisa se tornaria.

A busca pelas memórias da infância foi uma surpresa agradável durante o processo de escrita e possibilitou, junto às daninhas resgatar esses pensamentos imaginativos e fantásticos que muitas vezes acabamos podando na vida adulta.

Referente aos nomes das ervas daninhas citadas no capítulo do Herbário, optei por colocar apenas os seus nomes populares ao invés dos científicos pois o intuito desta pesquisa não era a identificação taxonômica destas plantas. Aqui o que prevalece são os nomes conhecidos na infância e nas memórias e questões como qual é a espécie verdadeira do dente-de-leão não são relevantes. Fazer este exercício, para nós da Biologia não é tarefa fácil, pensar fora da taxonomia, fora da caixinha, mas às vezes se torna necessário pois nem tudo é capaz de entrar em alguma classificação. Assim como FERNANDES (2023, pag.6) declara que:

no acervo da faculdade estão catalogadas e expostas coleções de exsicatas para consultas de cientistas, entretanto no enorme armário cinza de ferro, abrigadas da luz encontra-se uma infinidade de plantas identificadas pelo rótulo de 'totalmente indeterminadas' porque à natureza é tão indisciplinada, que não cabe nos contornos da biologia". FERNANDES(2023)

O que me lembra o começo do processo de escrita deste trabalho, como as ervas daninhas chegaram até mim de surpresa, de forma indisciplinada, não planejada. O resultado desta pesquisa foi uma surpresa muito agradável pois ao longo desse caminhar encontrei muitas dificuldades e tive que buscar coragem para encarar de peito aberto este recomeço.

Aos poucos fui me redescobrando, aprendendo novas habilidades e me permitindo experimentar tantas outras como a aquarela. Os microcontos foram um excelente exercício e sinto que aquela menina que quando criança sonhava em escrever livros de ficção, agora teve uma parte desse sonho realizado. Conforme a pesquisa se desenvolvia, também comecei a entender a força que as ervas

daninhas traziam para este recomeço. O resultado é de uma reconexão com a Biologia, comigo mesma e como futura profissional. Ficarei feliz se este trabalho encontrar de uma forma bonita o leitor e que por menor que seja o impacto que esta pesquisa tenha surtido, que ao menos tenha arrancado um sorriso.

## REFERÊNCIAS

DOOREN, T.van. ; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. **Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade**. Trad. Susana Oliveira Dias. ClimaCom [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>. Acesso em: 17 dez 24.

FERNANDES, S.R. **Sobre o mundo e sobre as coisas: pensando com Isabelle Stengers**. ClimaCom - Ciência.Vida.Educação [online], Campinas, ano 10, n. 24. maio2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sobre-o-mundo-e-sobre-as-coisas/>. Acesso em: 17 dez 24.

LISPECTOR.C. **De Natura Florum**. São Paulo: Global Editora, Edição Especial, 2021.

MACIEL. E.M. **Pequena enciclopédia de seres comuns**. São Paulo: Todavia, 1<sup>a</sup> ed., 2021.

SILVEIRA. E. **Encontros e Ficções: conversando com as plantas**. Educ Real, Online, volume 48, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124169vs01>. Acesso em: 17 dez 24.

SILVEIRA.E. **Mirabile Plantae**. Florianópolis, SC: Pi Edições, 1<sup>a</sup> Edição, 2022.

TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VÍDEOS CONSULTADOS

Vídeo de entrevista concedida para **Programa Cultura Catarina** através do canal Tval da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (2022) Disponível em: [https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/tval/noticia\\_singl\\_e\\_tval/pgm-0](https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/tval/noticia_singl_e_tval/pgm-0). Acesso em: 17 dez 24.  
2-cultura-catarina-walmor-correa-artista-plastico- 25-08-22.

Vídeo do Canal CEG-UAb- Centro de Estudos Globais. Palestra **"Aprender a pensar como uma flor: Ficção e gambiarra proliferando novas alianças"** de Eduardo Silveira no III Curso de Verão em Literatura, Humanismo e Cosmopolitismo, organizado pelo Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (2024). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0qAsS9UtQs&t=7s>. Acesso em: 17 dez 24.